

**“SE LIGA, MACHO”:
A ENCRUZILHADA PO (ÉTICA) DE UMA BIXA PRETA**

Paulo Petronilio¹
<https://orcid.org/0000-0001-7704-064X>

Resumo

Propõe-se pensar filosoficamente a encruzilhada, terreno de Exu e tensionar as performances pretas decoloniais a partir desse lugar que nos permite transgredir, potencializando um lugar de fala a partir de uma poética, que implica uma ética e em uma estética da existência preta. A encruzilhada é, desse modo, um potente agenciamento que temos para descolonizar a voz única do pensamento branco, eurocêntrico, cristão e normativo.

Palavras-chave: Candomblé. Exu. Encruzilhada. Performances. Bixa Preta.

**“LISTEN, MACHO MAN”: THE PO (ETHICS) CROSSROADS OF A
BIXA PRETA (BLACK FAG)**

Abstract

It is proposed to think philosophically at the crossroads, Exu's terrain and to intend the black decolonial performances from that place that allows us to transgress, to potentiate a place of speech from a poetics, which implies an ethics and aesthetics of black existence. The crossroads are, therefore, a powerful agency that we have to decolonize the unique voice of white, European, Christian and normative thinking.

Keywords: Candomblé. Exu. Crossroads. Performance. Black bixa.

¹ **Paulo Petronilio** é pós-doutor em Performances Culturais. Doutor pela UFRGS. Mestre em Literatura pela UFSC e Mestre em Educação pela UFSC. Professor Adjunto IV de Filosofia da Educação na UnB/FUP. Ex Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB/PPGCEN e das Performances Culturais UFG. Email: ppetronilio@uol.com.br.



“Se liga, macho”, arrombando caminhos...

O objetivo deste artigo é apresentar a complexidade filosófica que povoa a encruzilhada, território de Exu, *locus* da bixa preta, subalterna, marginalizada. Essas discussões fizeram parte da minha pesquisa de Doutorado defendida na Faculdade de Educação do Rio Grande do Sul, em 2009, onde tive como foco a estética e a aprendizagem do Candomblé. Desse modo, o mito e o imaginário formam uma trança inseparável. O que proponho então é um olhar filosófico onde tento, a partir da indagação de Exu como a “pedra filosofal” do candomblé, compreendê-lo em sua complexidade mítica e atuação no imaginário da encruzilhada e meu processo de construção como Bixa Preta. Desse modo, a visão “de dentro” foi fundamental para que eu pudesse dar um contorno melhor a essa questão, bem como potencializar a metodologia, que chamo de encruzilhada, pois é nela que eu falo e me posiciono como boca individual e coletiva. Ou seja, fortalecer esse lugar de fala do subalterno é mais que uma questão política. É uma questão de existência, resistência e, ao mesmo tempo, a busca de visibilidade enquanto Bixa Preta, candomblecista e marginalizado na sociedade branco- centrada, heteronormativa e cristã.

Há séculos vivemos sob o teto do pensamento colonial. Vim de uma tradição de filósofos gregos, brancos e europeus que me mostraram o mundo a partir da mitologia grega e trouxeram o *arché*, o princípio originário da existência. É uma tradição de formação que fazia questão de separar a *doxa* da *episteme*, a opinião, o senso comum do conhecimento e fazia questão de mostrar a supremacia e a superioridade desse em relação àquele. Vi nascer na tradição filosófica a violência e o império da clausura do ser, a força da voz una, a ontologia primordial, do “pai” que afirmou a supremacia da unidade, o Parmênides de Eléia que disse que “só é o ser, é”, afirmando a unidade, o essencialismo e a universalidade do pensamento. Essa supremacia que sempre martelou a tradição e meus ouvidos vinha como um poema que no primeiro momento fascinava, me fazia transcender, creio que essa forma poemática e aforismática vinda da “deusa” verdade era uma forma já de nos ludibriar, de nos colonizar, de nos colocar dentro de um círculo e enclausurar o pensamento e a vida. Hoje, mais do que nunca sinto a necessidade de limpar as poeiras dessa representação para pensar outros modos de vida, onde eu, como bixa preta não fico jamais fora. Creio que essa marca colonial foi se conformando em mim, como uma “fôrma”, cristalizando um ser universal,



imutável, inabalável, inexaurível e indestrutível que ia do ser ao não ser, do ser ao ente. Ou seja, fui educado a pensar a metafísica da substância, a essência de todas as coisas. E o pensamento era preso nessa clausura da representação. Acredito que a prisão é a desgraça do pensamento, como o espelho da representação, o “modelo” representa a plena paralisia do pensamento-vida.

Esse pensamento perpetuou-se por toda uma tradição perpassando o cartesianismo, a racionalidade científica, a dialética, a hermenêutica, o marxismo que ofereceu, por sua vez, um terreno para pensarmos as contradições sociais, mas que não deu conta das questões que fragilizam e colocam os sujeitos subalternos em situação de vulnerabilidade. A impressão que se tem é que só existia uma voz falando, legitimada e autorizada a falar. Talvez seja por isso que sempre tive dificuldade em falar de mim, da minha subjetividade e também falar do outro uma vez que a filosofia nunca nos colocou nesse lugar e nunca nos estimulou a nos colocar como problema no mundo. O pensamento colonial tem essa marca violenta de tirar a nossa subjetividade e nos tirar a possibilidade de falar de nós, nos seduzindo, com isso, com o fascínio da transcendência, o universal que a meu ver, não diz nada, não explica nada. Mas demorei muito tempo para saber. Quando comecei a olhar para mim mesmo quando voltei o olhar para a filosofia, ou seja, saindo dela por ela mesma, enrabando-a e propondo com isso, outra narrativa para falar do mundo e de mim mesmo. Evidente que depois que li Nietzsche e toda onda pós -estruturalista² e aqui incluo Derrida, Foucault e Deleuze que o mundo se mostrou de outra forma, pois desde a morte de Deus em Nietzsche, o sujeito começou a ser colocado em evidência e junto com ele, os processos de subjetivação. Derrida tensiona os binarismos ao trazer a cena da desconstrução, Foucault traz e potencializa a noção de dispositivo, biopolítica e biopoder para de fato assumir que a sociedade é marcada por redes capilares de poderes. Intensifica-se a ética e a estética da existência a partir dos modos de vida. Ou seja, Foucault nos convida a “sacudir as evidências” e a pensar as nossas práticas, a

² Ora, o pós-estruturalismo francês surge colocando em questão toda uma cultura e uma visão de mundo que veio da herança do linguista Ferdinand de Saussure. O Pós-estruturalismo tentou, até certo ponto, romper com o binarismo e as dicotomias que sempre imperaram ao longo da tradição e da cultura ocidental. Foi, de certo modo, uma ruptura e a instauração de uma nova visão de mundo, introduzindo assim, uma era pós-identitária, pós-colonial e pós-moderna. O pós-estruturalismo francês teve uma grande importância provocando uma “reviravolta epistemológica”. Pensadores como Lacan, Foucault, Derrida, Deleuze-Guattari, Lyotard e outros foram fundamentais para se pensar e problematizar as posições de sujeito e as múltiplas identidades



partir de uma genealogia do sujeito. Deleuze por fim, aponta desterritorializações a partir de fluxos de desejo e traz a noção de máquina de guerra para atacar de vez a representação clássica. Todos eles influenciaram os modos de pensar na contemporaneidade e, no que diz respeito às várias ondas dos feminismos, eles, por um lado, subvertem a noção de identidade, propõem uma política pós-identitária como fez a feminista norte americana Judith Butler, ao desconstruir essa visão essencialista de identidade.

O Feminismo Negro, por sua vez, que faz parte da luta política de mulheres negras inconformadas com a ausência de suas pautas na agenda do feminismo branco herdeiro da tradição de Judith Butler, feministas negras estrangeiras como Ângela Davis, Patrícia Hill Collins, Grada Kilomba, Audre Lorde, Bell Hooks e no Brasil a tradição que perpassa a vida de mulheres negras como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, dentre outras, de forma radical lutam contra as várias opressões sociais seja de classe, raça, gênero, sexualidade, interseccionando e problematizando as posições que os sujeitos geograficamente e historicamente localizados ocupam. Daí a noção de lugar de fala, tal como foi conceituada, tematizada e problematizada pela filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro como uma política coletiva que tensiona e coloca em xeque essa voz una que sempre teve autorização discursiva para falar. No entanto, as vozes ditas subalternas tentam criar canais e possibilidades de escuta e reconhecimento de suas plenas humanidades. O que todos têm em comum, poderia dizer, é a busca pela visibilidade, pelo direito de humanidade e liberdade. Em outras palavras, se estamos falando de encruzilhada hoje e nos permitindo esse crivo no caos é por que uma onda subversiva e transgressora vem operando no sentido de colocar em xeque as nossas verdades dadas a priori. Todo esse cenário muda nossa prática, nosso modo de vida e a nossa maneira de pensar o Outro e a nós mesmos. É válido ainda lembrar que toda essa discussão fez fortalecer o pensamento decolonial e nos fez aqui propor esse modo de pensar as performances pretas e assumir a encruzilhada como forma de pensamento, de existência e resistência.

Contudo, de fato os tempos mudaram e estamos buscando outras vozes, outros lugares, outras linguagens e nos lançando em outras encruzilhadas como um modo de desestabilizar a soberania e o poder do colonizador. No entanto, é desnecessário hoje



que o outro fale por nós. O outro querer falar por nós hoje é uma forma de xingamento, de desrespeito à nossa voz, pois foi esse outro que sempre nos calou, nos silenciou, nos oprimiu. Se a Bixa Preta nunca foi ouvida foi por que foi oprimida duplamente, ou seja, seu corpo e sua voz nunca importaram. Não é toa que o corpo negro é o que mais morre no Brasil, sem deixar de lado as crianças pretas, cujas mortes já se naturalizaram. Então em alto e bom tom: as vozes subalternas importam e elas surgem arrombando o pensamento normativo, tendo visibilidade, se humanizando e com isso, se empoderando a cada dia.

A voz da Bixa Preta importa. Temos as nossas trincheiras, nossas armas próprias, como Ogum nos ensinou a guerrear, Oxóssi me preparou para a caça. É nessa mata heteronormativa e de supremacia branca que lanço a minha flecha para sangrar com punhal afiado o pescoço colonial, pois se a ferida sangra em meu corpo a ponto de eu mesmo anular a minha existência como Bixa Preta, seja para eu tentar me embranquecer ou para me legitimar e me tornar higienicamente e hegemonicamente aceita, é a essa ancestralidade que recorro, já que Oxóssi está em meu corpo me dando, junto com Exu, a palavra, a flecha certa capaz de desestabilizar, deslocar, desfazer e desconstruir o binarismo e a gramática normativa que sempre imperou nas sociedades coloniais, nos silenciando. Falo pelo falo, mas falo pelo cu. É preciso colocar o meu cu na reta. Esse lugar que esquenta, que fode, que caga, que incomoda e que perturba o sexo rei, a heterossexualidade compulsória. Esse lugar que sempre esteve escondido na esfera privada, enquanto o falo sempre foi público, pois sempre aprendemos a pensar, agir e falar de maneira falocêntrica ou falogocêntrica. Se a nossa tradição fálica sempre imperou, chegou a hora do cu ser ouvido, pois o cu tem história e tem geografia, pois ele se localiza, basta pensar nas epressões “o buraco é mais embaixo” ou onde está o “cu do mundo”? Falo desse lugar, do Cu, Kuir ou *queer*, já que *queer*³ pode também significar estranho, excêntrico, esquisito, pois incomoda e fascina ao

³ O termo *Queer* foi cunhado pela feminista italiana Teresa de Laurentis, em 1990. Em inglês significa “viado”, “sapatão”, bicha”. De um insulto ou xingamento, transformou-se em uma arma política. De tal modo que ser queer é o raro, o esquisito, o estranho, o que foge das normas regulatórias da sociedade e perturba o centro e nem o quer como referência. Queer diz respeito a tudo que foge da norma, as travestis, transexuais, drags, gays em geral, os que habitam o entre lugar, a fronteira, o indecível e a ambiguidade. Por estarem nesse lugar, fascinam e encantam. No Brasil a teoria queer entra pelas portas das universidades. A historiadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Guacira Lopes Louro foi sem dúvidas uma das precursoras. Com o pós estruturalismo, os Estudos culturais e os estudos pós identitários, começa ampliar o estudos queer no Brasil voltando-se para os estudos de Gênero e Sexualidades nas ciências humanas e nas artes.



mesmo tempo. Se Exu é fálico, Exu também é cu, pois representa a nossa maquinaria desejante que aquece, respira e fode. Exu é toda parte quente de nosso corpo. Da cabeça aos pés. Se na maioria das vezes existe uma exigência compulsória de que a Bixa Preta seja dotada falicamente para legitimar a sua masculinidade, é preciso lembrar que ela também tem um cu e esse funciona. Celebrar o cu, tocar o terror anal é a forma mais larga e complexa para desCUlonizar o pensamento.

Por isso antes de falar é preciso que a Bixa Preta não largue a mão de ninguém. Não adianta dizer que tais vidas importam se meu corpo e o meu olhar rejeitam aqueles que são cuspidos para mais longe das margens como as transexuais e travestis negras, mulheres negras e não cristãs, além das bixas afeminadas que são mais ainda marginalizadas. Mesmo os gays brancos precisam pedir perdão e agradecer a elxs pelas suas existências. Agradecer às mulheres negras que tiveram na frente abrindo caminhos com a força do feminismo negro e trazendo a nossa pauta à tona. Os gays brancos, principalmente os que se acham mais “másculos” e normativos, que se acham no direito de criticar os que não performam a sua tóxica e aceitável masculinidade, precisam bater cabeça, fazer reverência aos afeminados, às travestis, transexuais e agradecerem por estarem vivos e poderem performar as suas masculinidades no mundo, pois foram essas figuras “excêntricas”, esses “corpos estranhos” e abjetos que deram e dão até hoje seu sangue e suas vidas para que possamos estar aqui vivos. Impossível escrever esse texto sem pedir licença e bater a cabeça para todxs essas existências transviadas que sempre incomodaram, pois se somos resistentes e sobreviventes, somos gratos a essas figuras que nunca foram respeitadas e nunca tiveram suas humanidades reconhecidas. É necessário ainda criticar a mim mesmo, pegar a navalha e cortar a carne da representação da masculinidade hegemônica que de um modo ou de outro reproduzo pois também sou vítima de uma perversidade colonial e normativa, pois ainda tento a todo instante performar essa masculinidade para tentar me “encaixar” ao padrão normativo, que nos impede de existir e sermos nós mesmos para sermos o Outro, estranho a nós mesmos. Dito de outro modo, se eu não começar a me deseducar, a educar a mim contra mim mesmo, me desconstruir e me desfazer não haverá mudança. O começo de tudo exige uma potente desarranjo e desconstrução de si mesmo.



O objetivo aqui é apresentar a complexidade filosófica que envolve a figura de Exu, pedra primordial, filosofal e mítica do Candomblé, religiosidade da cultura popular de matriz africana que se formou e se consolidou no Brasil no final do século XIX, no final do período escravista.

Terei como aporte teórico/epistemológico a figura de Exu como a boca e a pedra filosofal do candomblé e, para isso, iremos nos debruçar em pesquisadores que tiveram uma visão de dentro tais como Juana dos Santos (1986), Leda Maria Martins (2006) e a visão antropológica de Reginaldo Prandi (2001). Nesse sentido, será interrogada a noção de mito, a pedra filosofal que compõe a complexidade mítica de Exu e o seu contorno acerca da ideia filosófica da encruzilhada para fortalecer essa poética preta que ganhou corpo no terreiro. Para melhor facilitar a leitura este artigo está dividido em três subtópicos inter-relacionados de modo a facilitar a compreensão do leitor. No primeiro tópico, trago a ideia da descolonização do pensamento e a ideia do cu para subverter a norma. O segundo tópico será uma abordagem sobre a encruzilhada, em trago Exu como poética da encruzilhada e pedra filosofal do candomblé. O terceiro momento é uma reflexão sobre a performance da Bixa Preta e Exu enquanto signo da boca do mundo envolvendo, a um só tempo, o imaginário individual e coletivo do Candomblé. É Exu o arauto da descolonização do pensamento.

1. Des (CU) lonização do pensamento

A dicotomia hierárquica entre humanos e não humanos é a dicotomia central da modernidade colonial. A lógica do colonizador é se colocar em um lugar superior ao colonizado, invisibilizando-o, transformando-o em menos que humano, oprimindo. Esse homem burguês, europeu, colono, moderno se transformou em agente-sujeito, ser civilizado, cristão dotado de mente e razão. Essa dicotomia se transformou em ferramenta normativa, sendo o macho perfeito e a fêmea, a inversão e a deformação do macho. A bixa afeminada, por sua vez, é colocada nesse lugar “menor”, de inversão ou deformação do que se diz macho-ativo. A passiva, por sua vez, ao assumir o cu como lugar de desejo, é colocada em um lugar inferior, uma vez que a sociedade é marcada falicamente, normativamente. É difícil uma pessoa se assumir passiva, pois



assumido esse lugar ele terá que assumir uma certa “desvantagem” enquanto sujeito que faz uso dos prazeres anais. O cu, nesse caso é a forma de descolonizar essa lógica da opressão que existe do ativo em relação ao passivo. A desvantagem é tamanha que chamar alguém de passiva se transformou basicamente em um xingamento. Desse modo, potencializar uma ética da passividade significa dar o valor necessário a essa figura que é colocada no submundo e tida como abjeta. A passiva tem o cu, que é revolucionário e é político. É revolucionário por desterritorializar a noção de desejo calcado no papai-mamãe, no binarismo heterossexual. É político porque, além do desejo, é uma máquina que desestabiliza e manda, de forma subversiva e transgressora, a heterossexualidade ir à merda. Ao dizer que o desejo perpassa outros lugares, “o buraco é mais embaixo”. Temos uma máquina de foder, de cagar, que esquenta e é desse desejo de ser enrabado que estamos falando.

Ora, trago essa ideia do cu como uma forma subversiva para afrontar a norma, o binarismo. Mas não é somente isso: é uma forma de dizer que o cu importa. E não falo do meu cu, pois parece que o Cu do outro é sempre melhor. Falo dos múltiplos cus no mundo, das micropolíticas cus que reivindicam seus lugares de fala e direito de existência no mundo. O cu não é nada metafórico. Ele é um personagem conceitual de toda uma luta política. Se somos capazes de rir quando falamos dele, é por que ele é digno de ser levado a sério. Trago essa ideia do cu para trazer um certo humor já que, se o fascismo existe, é preciso uma ética subversiva ou uma ética do humor para darmos conta dessa maquinaria que esvazia e tira a nossa potência-cu de existir e desejar. Já dizia o pensador subversivo o francês Guy Hocquenghem, “O buraco do meu cu é revolucionário”. É revolucionário porque ele é o signo da desterritorialização, o afronte à norma que exige uma nova ética e uma nova estética da existência. É revolucionário mais ainda por que ele não cabe nesse mundo binário que já está dado. É preciso usar a ironia, o deboche, o riso contra o fascismo e contra toda forma de opressão. Propor descolonizar pensamento é trazer a potência cu da Bixa Preta para desafiar esse lugar normativo, branco e compulsório. Se fomos colonizados falicamente a maneira mais corajosa, desbravadora e arrebatadora para descolonizá-lo é trazer em cena o cu com toda sua força, potência e vitalidade. Desse modo, nem seria de bom tom mandar o colonizador tomar no cu, já que se dar o cu é bom, ele de fato importa. Mas é preciso localizar o cu.



Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode (...). O presidente Schreber tem raios do céu no cu. Anus solar. E estejam certos que isso funciona. (DELEUZE-GUATTARI, 2010. p.11)

A inspiração transgressora que esses pensadores nos fazem experimentar nos leva ao limite da máquina desejanste como potência e como fluxo permanente. Ao pegar a filosofia pelo cu e tirar dela toda a sua falta, somos convidados a nos enrabar para que possamos desterritorializar a sexualidade hegemônica e binária. O cu é uma forte estratégia para descolonizar o pensamento. Descolonizar é mais que preciso. É uma urgência que precisa ser exercitada, praticada e assumida como modo de vida. No entanto, trazer outras mitologias é fundamental para que possamos ouvir outras vozes inclusive mais próximas de nós a partir da nossa ancestralidade. Sem dúvidas, o feminismo negro foi fundamental nessa busca de outras vozes e na tentativa de mostrar que, por mais que surjam cientistas bem intencionados, a voz de dentro, do nativo deve começar a criar fissuras no discurso eurocentrado e branco para que, de fato o subalterno possa romper com os silêncios e questionar, inclusive, quem está autorizado a falar, ou seja, que regime de autorização discursiva é esse que sempre autoriza a falar a voz do homem branco, cristão e europeu que parece não ter cu ou pelo menos, para ele, deve ser intocável. No entanto, torna-se mais que necessário pensarmos e tensionarmos novas poéticas da encruzilhada.

2. Exu: a poética da encruzilhada

A noção de poética aqui tratada não é a que se representou ao longo de uma tradição ocidental, mascarada por uma *poiesis, mimésis*, ou alegoria. A poética aqui deve ser compreendida como uma micropolítica do desejo que une, a um só tempo, a territorialização, desterritorialização e reterritorialização. É uma poética do caos que desestabiliza o cânone e contraria o *logos*, branco e normativo. Mais que isso: é uma poética da existência e da resistência negra e gay. É a poética da encruzilhada que desafia os limites, que provoca o desconforto, o deslizamento, o entre lugar, o deslocamento, o trânsito. É uma poética da margem que desafia toda e qualquer visão eurocêntrica e normativa. Ou seja, Exu é, a um só tempo, a ética, a política e a estética da existência. Falar em Exu significa questionar, tensionar e abrir encruzilhadas



filosóficas para pensarmos a pedra filosofal, pedra primeira, princípio dinâmico. Exu é uma palavra polissêmica, plural, controversa e polifônica. É um risco aberto no caos. Tudo cabe, pois abarca a totalidade e a singularidade de tudo e de todos. É *complexus*, pois liga como uma trança, abraça o uno e o múltiplo. Exu na linguagem yorubá significa “esfera”, o ilimitado, o infinito e representa o todo ou a fusão das partes. Trata-se de uma esfera que abarca as forças cósmicas e caóticas da natureza. A fusão entre o alto e o baixo. É um todo em si e por si, aberto e fechado em si mesmo. Representa a totalidade, o ser em sua plenitude, um *telos*, ou ontologia fundamental. É a filosofia primeira, a causa material, formal, eficiente e final. A primazia do ser e do vir-a ser. É a filosofia logocêntrica por carregar a marca da masculinidade, arauto do poder, o bastão erótico. Por isso exu representa a força e a potência de criar, de fazer gerar, de fazer movimentar. Ele é aquilo que é, mas é também o vir-a-ser, o devir. Tem o poder de gerar a si mesmo e gerar o Outro. Exu, sob o signo do infinito, não começa e não termina, é sempre o caminho, o meio, o *intermezzo*. Vai da identidade à diferença, do eu ao outro, princípio material e imaterial.

Exu é o princípio da sabedoria que não tem começo e nem fim. Fortalece-se no meio, *intermezzo*. É o apaziguamento do ser e a insatisfação do devir. É a pedra filosofal que abarca tudo o que há, tudo o que existe. No Candomblé, o primeiro Orixá a ser cultuado é Exu. No entanto, o mito desenha o Orixá, conta suas brigas, suas confusões e marca os rumos dos homens, pois a *Mitologia dos Orixás* se funde e se confunde com o destino dos homens na terra. Reginaldo Prandi (2001), dentro dessa complexidade mitológica, retoma um dos mitos mais importantes da figura de Exu, em que ele “se atrapalha com as palavras”. Orunmilá perguntou ao homem onde ele queria morar se era dentro ou fora da casa e o homem disse “dentro” e, de repente, perguntou “E tu, Exu? Dentro ou fora?”. Exu levou um susto ao ser chamado repentinamente, ocupado que estava em pensar sobre como passar a perna em Orunmilá. E rápido respondeu: “Ora! Fora, é claro”. Mas logo se corrigiu: “Não, pelo contrário, dentro”. Orunmilá entendeu que Exu estava querendo criar confusão. Inteligentemente, Exu tenta trapacear Orunmilá com as palavras. Com seu jeito astuto, se transforma em uma criatura de “confusão”. Signo da desordem, Exu mostra seu lado malandro. Com essa confusão criada por Exu, ele passou a criar sua morada fora da casa. Diferente dos outros Orixás que moram dentro. Um “assentamento” de Exu em forma de pedra, dentro de uma vasilha de barro, no tempo, no aberto, próximo a uma enorme árvore,



é o primeiro Orixá a ser cultuado no Candomblé. Desse modo, o princípio é Exu. O verbo. A palavra. A confusão. A Diferença. A criatividade. É preciso acionar o exu individual para criar. Foi a pesquisadora Leda Maria Martins que nos ensinou: “Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento. (MARTINS, 2006, p.64-65). Ora, ao carregar as pulsões de enterramento e descentramento, a encruzilhada transforma-se numa complexidade filosófica por abarcar a um só tempo o texto, tecido da vida com suas fusões e confusões, metáfora dionisíaca por excelência. Exu e Dioniso são tentações mundanas, pois estão ligados ao prazer, ao desregramento, à satisfação da carne. Por isso Exu é o corpo, com todo o seu apetite sexual e criativo. O corpo é capaz de traduzir todos os signos do verbal ao não verbal, produz o discurso e a ação. O corpo como um texto comunica o sistema, aproxima e se distancia, se recolhe em si e se joga no mundo. É Exu que permite que o corpo goze da vida, se encha de prazer e se multiplique. Daí essa pedra filosófica que é feita de matéria não formada e sente a necessidade de uma forma. Desse modo, o Exu é o *arhé*, princípio originário, a unidade que gera a multiplicidade.

Como princípio originário, ele é também o *ápeiron*, o infinito ou o ilimitado. Exu não tem limite por gerar, reproduzir e multiplicar infinitamente. É essa presença que faz unir o caos e o cosmo. Se Exu é o signo do caos e dele sai a sombra, a noite, é dele também a capacidade de gerar. Exu é a matéria movediça, a matéria primeira, elemento essencial. Os elementos tais como água, fogo, terra, ar são conectados para fortalecer a força geradora do universo. O otim (cachaça), a água (omin) molham a terra e o corpo, trazendo movimento do eterno acender e apagar-se na natureza, movimentando-a e não deixando o ciclo parar. A água está em tudo por ser o princípio de tudo e através dela se chega a essa consciência de que a essência é o um, o verdadeiro, o em si e para si. A existência do mundo é marcada por esse finito-infinito que gera a existência singular e universal. Se levarmos a cabo a antiga afirmação de que “tudo é um”, Exu como a unidade é gerador da multiplicidade, é o que torna as coisas reais e verdadeiramente existentes. Como produção sónica e tradução intersemiótica, Exu é o que gera a ação, pois a palavra permite e possibilita abertura de si para si, de si para o outro e de si para o mundo. Exu é o guardião da rua, dos caminhos, da estrada. Augras reconhece: “Tudo o que se une, se multiplica, se separa, se transforma, tudo isso é Exu. Exu é a vida, com todas as suas contradições e sínteses” (AUGRAS, 1983,



p. 104). É animado com esse exercício de sensibilidade antropológica que Georges Balandier nos dá essa compreensão

Por ser o Deus da comunicação, tem o dom da ubiquidade e pode estar em ação em muitos lugares. Tem seu lugar em todos os grupos de culto e em todas as casas. É associado aos lugares de encontro e passagem, as encruzilhadas, os logradouros públicos e os portais. (BALANDIER, 1997, p.98)

Desse modo, Exu é o guardião da rua, dos caminhos, da estrada. Logo, para manter um elo com a “Casa de Santo”, é preciso entrar no portão, passar pela porta, pedir licença (agô) para Exu, para que o Povo do Santo não se meta em encrencas mais tarde e, muito menos, em desarmonia e contrariedade. Em outras palavras, Exu é a vida em metamorfose. É o que movimenta e intensifica a vida. É o que mantém a ordem e a desordem. É a Dobra. Exu é a síntese da Diferença, o que nos impulsiona a criar. Exu, como signo da individuação, é o poder que gera a ação e começa no jogo de búzios com os pais e mães de santo invocando a sua presença. Como pretendeu Maria José Barbosa (BARBOSA, 2006), é considerado uma “força motora”, geradora, criativa, “onipresente”, “cuja existência se faz nas margens, nos limites, na liminaridade e nas suas múltiplas caracterizações”.

Exu é, nesse sentido, a pedra primeira e filosofal que une e separa, carrega a unidade e a multiplicidade. A capacidade infinita de criar, pois representa os caminhos. Mais ainda ele representa a parte criativa de todos nós. A encruzilhada é o espaço da criatividade e da invenção de novas possibilidades de vida. Sem Exu nada teria. Não seria. Nada poderia. Nada existiria. Nada criaria. Assim, é ele o signo da multiplicidade, da Diferença. É o alegre. O jocoso. O trágico, pois é festivo. Uma alegria demoníaca ou dionisíaca de viver. Sem esse “demônio”, não criaríamos e nada seríamos. Assim como Exu é a multiplicidade, assim como o demo tem várias máscaras, se desdobram em “qualidades” de Exu: Alaketu, Tiriri, Ina, Onã, Bará e Legba. Exu-Legba, pode dispensar a felicidade ou a desgraça, perturbar, construir ou destruir. Ensinou-nos o filósofo Félix Guattari “O Legba é um punhado de areia, um receptáculo, mas é também expressão da relação com outrem. Encontramo-lo na porta, no mercado, na praça da aldeia, nas encruzilhadas”. (GUATTARI, 1992, p. 59). Assim Guattari traz a figura de Legba como expressão da relação, da comunicação e poder da encruzilhada.



Existe a instauração de uma cidade subjetiva marcada pela heterogênesse, pelo paradigma estético, pela desterritorialização, pelo caos e pelo descentramento do sujeito para a da subjetividade. É sob esse signo da desterritorialização e do caos que surge a figura de Exu como potência da desordem e do movimento.

Assumir essa forma de pensamento é assumir a encruzilhada como uma forma de pensamento-acontecimento que subverte a ordem e a instaura o caos a partir de uma produção de subjetividade que é plural e polifônica. A encruzilhada é a afirmação das várias subjetividades e da polifonia das vozes. Ora, Legba que embaralha, age por esperteza e, com isso, transforma-se no poder e no intempestivo. É Legba quem está nas encruzilhadas de todas as relações. O “assentamento” de Exu é feito de argila, no barro, na terra, em forma de um O pênis ereto, avantajado. Sua saudação: Laroîê, Exu! As relações com o bando é sempre uma relação mediada por Exu, ou seja, por movimentos de conversação, diálogos, disparos de pensamento. A encruzilhada sempre, o “meio”, o “entre” e, é claro, a palavra que ativa o pensamento, pois Exu é o poder de comunicação.

Em outras palavras, pensar a poética da encruzilhada significa abrir caminhos para que outras vozes falem. Significa criar fissuras nesse discurso branco centrado que é o que sempre teve autorização discursiva para falar e se colocar no mundo. Pensar Exu como poética da encruzilhada significa fazer uso da criatividade para inventarmos novos modos e possibilidades de vida. A encruzilhada é um complexo agenciamento político, ético e estético. É o lugar da revolução não somente sexual. É a partir dessa revolução que será de fato permitida a diferença no mundo. É lá que a Bixa Preta poderá ter a liberdade de ser simplesmente o que se é. Bixa Preta não são duas palavras. Trata-se de um modo de vida, de um agenciamento, de um dispositivo complexo que, a um só tempo, desterritorializa e reterritorializa a identidade, a sexualidade, o gênero e a raça. Por isso a Bixa Preta vai sempre incomodar, pois ela não pertence ao padrão hegemônico e compulsório da qual a masculinidade branca faz parte. Dito de outro modo, pensar essa encruzilhada como uma pedra filosofal é necessário para que possamos resistir e existir humanamente já que o saber branco, heteronormativo, eurocêntrico e colonizador nos transformou e nos transforma a cada dia em não humanos, em seres abjetos. Pensar Exu como a pedra filosofal é a forma mais complexa de se libertar a vida lá onde ela sempre foi prisioneira: a ignorância.



3. “Se liga, macho”: a performance de uma Bixa Preta

Peço licença (*agô*), à Lina Pereira, mais conhecida como Linn da Quebrada, atriz, cantora e compositora brasileira que, além de ativista social, compôs a canção Bixa Preta que diz “Bixistranha, loka preta da favela/Quando ela tá passando todos riem da cara dela/Mas, se liga macho, presta muita atenção/Senta e observa a sua destruição”. Essa mensagem mostra a potência e a força que desafia as normas compulsórias e regulatórias da sociedade, fazendo com que a performance dessa Bixa Preta desestabilize a masculinidade canônica, hegemônica. É a forma de erguer a voz, como pretendeu a feminista negra Bell Hooks. Quando Linn convida ao homem heteronormativo para ele sentar e observar a sua destruição é para ele pensar que, se o mundo é tão opressor e segregador, é sua culpa. Esse “macho”, vestido de “sexo rei”, é o que teve lugar no mundo e direito a ter sua voz ouvida, legitimada. Sem dúvida, Linn da Quebrada teve um ato de coragem ao erguer a sua voz, pois segundo Bell Hooks, “Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito” (HOOKS, 2019, p. 39). Dito de outro modo, a expressão “se liga macho” é uma forma de dizer que tem gente falando e quer ser ouvida, ou seja, erguer a voz não é meramente emitir sons, palavras, mas existir. Se Linn da Quebrada é uma Bixa Preta e diz que “vai botar é pra fuder”, esse ato de fala que é político é feito de coragem, pois somente essa coragem é capaz de nos libertar. Nós, sujeitos subalternos de objetos passamos a ser sujeitos de nossa existência. Assim, a poética de uma Bixa Preta nos faz pensar novas performances e novas masculinidades nas margens. Mas é preciso coragem inclusive para que nós mesmos possamos nos reinventar enquanto sujeitos-corpos-pretos e, a partir daí, criar condição e possibilidades para sermos ouvidos. Essa transição do silêncio à fala é a necessidade urgente para que nós Bixas em geral possamos viver com dignidade e humanidade, pois a liberdade é uma luta constante, como pretendeu a feminista negra Angela Davis.

É na encruzilhada que se ergue a voz e se reinventa. A performance é na encruzilhada. (PETRONILIO, 2016). Dito de outro modo, a performance de uma Bixa Preta vem para tensionar e colocar em xeque a performance normativa e branca. Trata-se de uma performance que vaza da gramática heterocentrada. Mais que isso, ela



vem para “causar” a partir de uma “lacrção” e de uma “fechção” que implica uma ética e uma estética e, por que não, uma política. É o que eu tenho chamado de performance da diferença, que é, a um só tempo, performance no sentido artístico, teatral, mas é performatividade ao colocar em xeque a própria noção de sujeito e identidade. A performance lacrativa de uma Bixa Preta rouba a paz por carregar vários marcadores sociais da diferença como raça, classe, gênero, sexualidade e, no meu caso, acrescenta-se religião. Ser uma Bixa Preta macumbeira e nordestina como é o meu caso é lutar pela vida e humanidade a cada instante. Afronta a heteronorma borrando esse lugar binário, cristão, branco e compulsório. Por isso o que chamo de performance na encruzilhada reivindica políticas arrebatadoras, arrombadoras e tenta criar novas fagulhas criativas para desestabilizar e deslocar o cânone vigente.

Assumir a performance da Bixa Preta afeminada é ser político e com isso assumir o pleno desconforto, o intolerável, o plenamente excêntrico, que não é tolerado, desarranjando, inclusive a Bixa Preta normativa, a “aceitável” nos padrões bem-comportados, já que a Bixa Preta afeminada contesta plenamente todo olhar bem-comportado, pois é de natureza subversiva, desrespeitosa, impertinente, profana, irreverente e intolerável. Desrespeita, sobretudo, a masculinidade preta normativa e embranquecida que, às vezes, se cerca de bixas brancas para se embranquecerem, terem visibilidade e serem aceitas, negando a si mesmo para afirmar o outro. Esse giro da Bixa Preta é fundamental para pensarmos em múltiplas masculinidades, em éticas e estéticas da Bixa Preta afeminada, aquela das beiras, a que está nas margens das margens.

Desse modo, a encruzilhada transformou-se no meu lugar de grito, no meu lugar de resistência. O lugar que me permitiu me movimentar enquanto corpo-bixa-preta. Não posso me dar ao luxo de escolher contra qual opressão eu posso lutar pois onde tem a Bixa Preta, tem um abjeto, algo sujo, desviante e inaceitável diante de uma cultura heteronormativa e de supremacia branca, cristã. Desse modo a Bixa Preta oscila entre o objeto e a abjeção. É objeto enquanto é fetiche do homem branco e abjeto quando é negado inclusive por ele mesmo, renegando a si mesmo seu pleno direito de humanidade. A Bixa Preta pode até ter valor quando assume sua virilidade e masculinidade, atividade, mas se for afeminada, passiva, a Bixa Preta perde todo o seu encanto. Mais uma vez é necessário mostrar que a Bixa Preta não é feita apenas de uma



genitália. Ela não é feita apenas falicamente, mas ela também tem um cu e tem outros atributos em sua maquinaria desejante que lhe faz orgulhar de ser uma Bixa Preta. A Bixa Preta não pode ficar entre abjeção e objeto. Essa é uma fantasia colonial, heterocisnormativa e patriarcal, que faz aumentar o racismo, a opressão e a violência.

Diante disso, não existe outro lugar possível para meu corpo habitar. Esse corpo que é olhado de banda, é fetichizado, é exotizado. Por isso não falo apenas de mim, pois a minha existência fala de uma boca coletiva. Por isso ela é política. Tanto a boca quanto a fala. Foi essa boca, em seu devir-bicha-guerrilheira que fez o cu canibal de Jota Mombaça se indignar em sua política da desobediência. Como pretendeu Jota Mombaça (2015) “Como se este corpo gordo, mestiço, viado e revoltado, este cu canibal e sua política monstruosa, não tivessem lugar no âmbito da produção de conhecimento. ” Ao questionar se “pode um cu mestiço falar? ”, a escritora e performer descoloniza o pensamento colocando “o seu na reta”, ao mostrar inclusive, a dificuldade do subalterno ser ouvido. O incômodo sempre existirá quando o subalterno se manifesta pelo cu. É preciso tensionar e colocar em xeque essa visão de mundo branca e heteronormativa que cuspiu meu corpo para as margens. Numa sociedade marcada pelo heteronorma, a Bixa Preta é de fato oprimida pelos fortes marcadores da diferença que são: raça, gênero e classe. No meu caso, sendo Bixa Preta, macumbeira e pobre, carrego na pele o complexo agenciamento da multiplicidade subalterna. É como se a Bixa Preta precisasse performar uma masculinidade viril, máscula pois a ela cabe o lugar de completa abjeção se assumir esse lugar da “bichinha”, do afeminado. A todo momento a existência do homem branco, cristão e heterossexual nos violenta, pois é ele que nos segrega e nos oprime. Não adianta pensar em um lugar de fala se não pensarmos a potência do lugar de escuta. É preciso que nos ouçam. É preciso que o meu corpo tenha visibilidade para que a minha voz seja escutada. Como uma travesti será ouvida se a sua existência é invisibilizada? Como o macumbeiro será ouvido se a religião de matriz africana é mal vista a ponto de terreiros serem queimados? Como uma Bixa Preta macumbeira pode sobreviver nesse mundo opressor e que segrega? É preciso ter a boca para gritar. É preciso ter a encruzilhada como lócus de reinvenção de si mesmo. É preciso chamar Exu para que possamos exprimir nossos modos de subjetivação que perpassam nosso corpo-ori, nossa cabeça. Essa boca que é a um só tempo individual e coletiva.



Ora, antes de falarmos de Exu como boca coletiva e individual é importante mostrar o que compreendemos por encruzilhada e para isso é importante compreendermos a essência da Filosofia de Exu. Em *os nagô e a morte: Padê, asese e o culto Égun na Bahia*, Juana dos Santos traz uma compreensão aprofundada: “Exu está profundamente associado ao segredo da transformação de matérias-massas em indivíduos diferenciados. (SANTOS, 1986. p.208). Exu assegura, com isso, a procriação e a multiplicação. É por isso que Exu se transformou no poder da encruzilhada, pois é o lugar de conflitos, diálogos e reflexões. Essa sabedoria da encruzilhada é a força e potência viva dos Terreiros. Recorro à sabedoria de dentro, das mais velhas para esclarecermos melhor a complexidade mítica e mística de Exu. Em um trecho da introdução do livro *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*, de Mãe Beata, Vânia Cardoso escreve: “A encruzilhada é o espaço regido por Exu (...), aquele que, segundo mitos, é a boca ávida que devora tudo o que existe, mas que também regurgita, regenera e recria. (CARDOSO. 2008, 15-16). Essa capacidade de transmutação, transformação e transfiguração de Exu abre uma série de leituras e possibilidades. Esse signo da boca viva que devora tudo, regenera e recria é a capacidade que nos leva a entender e ampliar a encruzilhada como *locus* de confluência, espaço híbrido, trans e multidisciplinar que permite com que todos os saberes se conectem e dialoguem entre si. A encruzilhada como espaço de reinvenção do mundo é também o espaço de reinvenção da cultura e de nós mesmos. A encruzilhada é o lugar da criatividade em demasia onde tudo é possível, onde podemos potencializar a arte da mixagem a partir de um punhado do caos. Para além do sintagma e do paradigma, é o espaço do devir. É, em síntese, a boca que tudo devora. A boca é o território em que mostramos a nossa sabedoria e a nossa ignorância. Quando a boca resguarda o silêncio, impõe o conhecimento. Somos tentados a falar, pois a fala aguça a nossa imaginação e nos permite criar novos arranjos discursivos. Embora Exu represente os cinco sentidos, a visão, por ser o olho que tudo vê e tudo observa, nos permite conhecer e discernir. É audição, pois Exu é a inteligência para escutar o outro, para acolher em si o caos que vem de fora e o movimenta. Ele é o tato, pois nos faz aprender através da sensibilidade do toque. Ele é paladar, pois a boca nos faz provar, experimentar os prazeres da vida, repudiar e acolher o alimento, o doce, o salgado. Pela língua mostramos o que gostamos ou não e discernimos a sensação do gosto. A boca carrega em si uma complexidade maior, pois além de abrir o caminho da fala, a



voz que provoca algo no outro, que repudia ou aproxima. O ruído, o som que vem do outro provoca uma confluência de sensações, pois nos aproxima ou nos distancia. Desse modo, Exu nos leva ao ápice da experimentação do caos criativo. A boca é o signo mais complexo, pois é através dela que respondemos as indagações de fora e ali nos permitimos o movimento entre quem fala e quem escuta. É através dela que exprimimos a nossa sabedoria, nossas fragilidades, nossa arrogância e a nossa ignorância. Portanto, é o signo da dialética, da hermenêutica, ou “exunêutica”. Não é à toa que Hermes, na Mitologia grega, é o que mais se aproxima de Exu por ser a comunicação, a interpretação, a linguagem, a palavra, o que transporta e transforma. Pela boca a voz e a ressonância de nossas palavras, nós devolvemos aos outros seus signos, podemos ativar a maquinaria da conversação e podemos ali também parar, pois o outro nos perturba através dos ruídos e sons que ora são, ora não são bem acolhidos em nossa parede sonora. Podemos nos simpatizar ou nos antipatizar com uma pessoa através do som que ela provoca. O olfato é um signo imponente, pois através dessa sensação podemos trazer memórias afetivas do passado e potencializar o gosto por algo. Intensificam-se nossos desejos. A boca é o signo do prazer, do desejo, mas também do desprazer. Foi o que a feminista negra Grada Kilomba nos trouxe ao fazer uma “epistemologia da boca” e falar da máscara de Anastácia como um dos traumas da colonização:

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando que as/os brancos querem- e precisam -controlar e, conseqüentemente o órgão que historicamente, tem sido severamente censurado. ” (KILOMBA, 2019. p.34).

Ao dar um estatuto linguístico, ontológico e privilegiado à boca, ela se transforma em um órgão especial por trazer a ideia da enunciação e da fala e ao mesmo tempo representa o signo da opressão. Pedir para alguém se calar significa tirar dele seu regime de autorização discursiva. Mais que isso: significa retirar seu direito de humanidade. Exigir o silêncio de alguém é dizer que a sua vida, seu corpo, sua história, sua existência, sua voz não importam. É assumir que o outro não poderá ter voz e fortalece com isso a voz una, universal de homem branco, europeu e heterossexual. Exigir o silêncio de alguém é tirar dela a soberana liberdade enquanto sujeito falante e atuante no mundo. É aprisionar o Outro e fazer questão de dizer que o subalterno não pode falar e que ele viverá eternamente aprisionado pelo discurso que de fato está



autorizado e legitimado a falar. Impedir o outro de falar significa aprisioná-lo e sempre será essa a tentativa do colonizador.

Juntando-se à boca, que é a capacidade de falar, e ao ouvido a capacidade de escuta, todos os sentidos se fundem e moldam a inteligência através da memória gerando a experiência particular de cada indivíduo. Por isso a fala será sempre da ordem do individual ao passo que a língua será da ordem do social, do coletivo. Exu é esse “meio” entre a fala individual e a língua, do coletivo, socialmente dramatizada pelos sujeitos. Todos esses sentidos impulsionam em nós o desejo de conhecer. Provocam sensações múltiplas. Esses sentidos se organizam em nossas cabeças e fortalecem a memória. Graças à experiência dos sentidos que nos levam a conhecer e discernir as sensações. Temos um gosto que é universal, mas a singularidade do gosto é o que faz de cada um de nós um ente singular. A memória individual é construída por que existe uma boca individual que experimenta, mas existe uma boca coletiva que sente coletivamente por que experimentou individualmente. Essa dialética entre o individual e o coletivo, o particular e o universal, o todo e a parte, formam um *continuum*, uma trança. A ideia de trança talvez abarque melhor a complexidade em questão, uma vez que *complexus* significa o que liga, o que funde, o que junta, o que comunica. Exu e encruzilhada são categorias complexas, pois se Exu é a boca, a encruzilhada é o próprio mundo.

Considerações Finais

Propus aqui pensar uma possível poética da Bixa Preta a partir da noção filosófica de encruzilhada, *locus* de Exu, o deus da comunicação, do movimento, do devir. É a partir da encruzilhada que podemos pensar e problematizar as múltiplas performances pretas e decoloniais. Por isso, falar a partir de nós mesmos, do que nos afeta e nos movimenta é fundamental para que possamos nos tornar sujeitos e nos libertar daquele que nunca nos deixou falar: o colonizador. É preciso fazer uso da boca que foi silenciada pelo colonizador e do cu que foi travado pelo homem heteronormativo e fazer desses dois órgãos uma máquina de guerra contra a opressão e a dominação. Por isso permitir outras narrativas, colocar nosso cu na reta é a forma mais potente de des (cu) lonizar o pensamento centrado no falo do homem branco e



heterocispatriarcal. A encruzilhada é o meu patuá, minha força, minha potência, minha seta certa como filho de Oxóssi. Desse modo, quando se fala em encruzilhada, pensamos em ruas que se cruzam, estradas e caminhos. Exu, ao morar na rua, recebeu justamente os poderes da encruzilhada. Um espaço que confunde e desespera por ser uma multiplicidade de caminhos e o homem está sempre em busca de uma direção, de uma “verdade”, de um caminho seguro que leve a algum lugar. Ora, pensar a encruzilhada como uma poética da Bixa Preta significa ter coragem para desafiar a si mesmo. Significa assumi-la como um complexo agenciamento, melhor ainda, a encruzilhada é uma verdadeira máquina de guerra contra a opressão, a hierarquia e o binarismo.

É preciso inventar novos arranjos discursivos, limar o muro da representação e criar fissuras no discurso hegemônico para pensarmos a partir das performances das masculinidades pretas e seus múltiplos processos de subalternização. Trazer a máquina cu como estratégia política e revolucionária é a forma mais instigante de atacar esse lugar que se cristalizou como verdade única e inabalável. O cu, a encruzilhada e exu são complexas redes que desenham esse lugar subversivo para que os sujeitos subalternos possam criar suas linhas de fuga e potencializar novos devires. A Bixa Preta, aquela que tem também o cu, assume a força subversiva e transgressora desafiando a identidade e a fixidez. Por isso a Bixa Preta vai sempre roubar a paz por carregar mais de uma opressão. Se ser bixa já é ser esquizo-revolucionário, ser Bixa Preta é questão de muita coragem para sobreviver e esse afeto-cu na errância e na potência arrombadora. A encruzilhada rouba a paz e provoca desconforto ou desassossego.

Recordemo-nos de Alice, personagem infantil de Lewis Carrol, que em sua saga, “no país das maravilhas”, ao se deparar com a encruzilhada, perguntou ao gato que caminho deveria seguir, ao que seu companheiro disse: “isso depende muito para onde queres ir”. Alice afirmou: “preocupa-me pouco aonde quero ir”. Nesse caso, replicou o gato, “pouco importa o caminho que sigas”. Se existe um caminho tal como indagou Alice, este está sempre por vir e carece sempre de ser feito na travessia e nas encruzilhadas da vida. Resistir e existir na encruzilhada será apelar para novas narrativas que interseccionam e impulsionam novas po-éticas e novas estéticas da existência. Se liga, macho!



Referências:

- AUGRAS, Monique. **O Duplo e a Metamorfose: A Identidade Mítica em Comunidade Nagô**, Petrópolis, Vozes, 1983. 293p.
- BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Exu: “Verbo devoluto”. **Brasil afro-brasileiro**. Organizado por Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CARDOSO, Vânia. Mãe Baeta de Yemonja **Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros** – como Ialorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos. ilustrações de Raul Lody. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- DELEUZE. G.; GUATTARI, F. **Anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódio de um racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. **Brasil afro-brasileiro**. Organizado por Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MOMBAÇA, Jota. **Pode um cú mestiço falar?** Medium, Janeiro de 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee> . Acesso em: 10 de junho de 2020.
- PETRONILIO, Paulo. **Performances na encruzilhada: estética e aprendizagem no Candomblé**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, JUANA Elbein dos. **Os Nagô e a morte: Padê, asese e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

*Recebido em 13 de setembro de 2020
Aceito em 03 de novembro de 2020*

